IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA
XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024

Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

ISSN 1983-8174

EDUCAÇÃO POPULAR E BEM VIVER: CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL E JUSTA

Carlos Geraldo Mossmann Junior[1], Maria Carla da Silva Pereira[2], Francisca Carolina Lima da Silva[3]

Resumo: Este resumo explora como o Bem Viver se conecta com a Educação Popular, destacando suas origens nos movimentos sociais do Brasil e na pedagogia crítica de Paulo Freire. A educação popular visa transformar sistemas educacionais convencionais, promovendo equidade social e sustentabilidade, alinhando-se às perspectivas indígenas do Bem Viver, que enfatizam o equilíbrio entre sociedade e meio ambiente. A pesquisa incluiu uma revisão bibliográfica abrangente com base em teóricos como Ailton Krenak, Alberto Acosta, bell hooks, Cida Bento, Luiz Rufino, Nego Bispo e Paulo Freire, adotando uma abordagem qualitativa. O estudo discute a criação de um sistema educacional que celebre a diversidade cultural, reforce identidades e promova uma relação harmoniosa com o meio ambiente, desenvolvendo currículos inclusivos e sustentáveis. Critica-se o modelo educacional eurocêntrico por negligenciar conhecimentos ancestrais e perpetuar disparidades raciais. Integração dessas perspectivas capacita agentes de transformação numa sociedade mais equitativa e sustentável. O público-alvo inclui educadores, pesquisadores, formuladores de políticas, ativistas sociais e interessados em pedagogias críticas, educação decolonial e práticas sustentáveis.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO POPULAR; DESCOLONIZAÇÃO; BEM VIVER.

1. Introdução

A educação popular no Brasil tem raízes nos movimentos sociais e nas lutas por justiça social, visando transformar sistemas educacionais tradicionais. Desde a década de 1960, educadores como Paulo Freire influenciam essa abordagem, promovendo uma educação crítica e emancipadora que incentiva a reflexão sobre condições de vida e transformação social. O desafio é capacitar cidadãos a questionar e reformular suas realidades, em sintonia com o conceito de Bem Viver.

O Bem Viver, originário das cosmovisões indígenas latino-americanas, propõe uma alternativa ao desenvolvimento predominante, priorizando a harmonia entre sociedade e natureza. Ganha relevância frente a desafios

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: carlos.mossmann@urca.br
2 Universidade Regional do Cariri, e-mail: mcarla.silva@urca.br
3 Universidade Federal do Ceará, e-mail: carolina.silva@urca.br

ISSN 1983-8174

globais, como a crise ambiental e desigualdade social, promovendo uma reflexão sobre a relação entre humanos e o planeta, valorizando diversidade cultural e sustentabilidade.

A interseção entre educação popular e Bem Viver é vital para enfrentar problemas como degradação ambiental e exclusão social. Ao integrar saberes tradicionais e promover inclusão, cria-se um espaço educacional que forma cidadãos conscientes e engajados.

Envolver comunidades locais na criação de soluções sustentáveis é crucial. Aprender com saberes indígenas oferece perspectivas valiosas para práticas educacionais respeitosas ao meio ambiente e culturas locais, fortalecendo identidades e promovendo colaboração.

A educação popular busca transformar sistemas educacionais ao incorporar o Bem Viver, promovendo justiça social, sustentabilidade e diversidade cultural. Este estudo analisa teorias de educação decolonial, destacando pedagogias que desafiem estruturas de poder eurocêntricas e incluam saberes marginalizados.

Há um crescente interesse em práticas educacionais que respeitem tradições locais, especialmente em tempos de mudanças climáticas e crises sociais. A homogeneização cultural ameaça identidades locais e biodiversidade cultural. Antonio Bispo dos Santos critica a globalização por buscar uma unificação que ignora a diversidade de ecossistemas e culturas. Promover uma educação que celebre a pluralidade de vozes é essencial para formar cidadãos preparados para uma sociedade mais justa e responsável.

Este estudo visa debater uma educação que celebre a diversidade cultural, fortaleça identidades e promova convivência harmoniosa com a natureza. Ao desafiar práticas tradicionais, busca criar currículos inclusivos e sustentáveis, respondendo aos desafios de desigualdade social e degradação ambiental, reconfigurando a educação como espaço de transformação social.

2. Objetivo

O objetivo deste estudo é explorar a conexão entre a Educação Popular e o conceito de Bem Viver, destacando suas raízes nos movimentos sociais e na pedagogia crítica de Paulo Freire. O trabalho busca promover a transformação dos sistemas educacionais tradicionais, enfatizando a justiça social, a sustentabilidade e a valorização da diversidade cultural. Ao integrar saberes ancestrais e práticas de educação decolonial, o estudo pretende criar um espaço educacional inclusivo que celebre a pluralidade cultural e prepare cidadãos conscientes e engajados na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

3. Metodologia

Este estudo realiza uma revisão bibliográfica para explorar a educação decolonial, focando em pedagogias que promovem o Bem Viver. Utilizamos uma metodologia qualitativa baseada nos teóricos Ailton Krenak (2020), Alberto

ISSN 1983-8174

Acosta (2016), bell hooks (2021), Cida Bento (2022), Luiz Rufino (2021), Antonio Bispo dos Santos (2023), e Paulo Freire (2011). As informações foram organizadas em categorias temáticas para uma discussão crítica dos temas emergentes.

Em suma, esses teóricos destacam a importância de romper com estruturas coloniais, valorizando saberes marginalizados e promovendo justiça social, diversidade e sustentabilidade, especialmente em um mundo desafiado por crises ambientais e sociais.

4. Resultados

Historicamente, a educação formal no Brasil é influenciada por valores eurocêntricos que ignoram as especificidades culturais e ambientais locais. Cida Bento (2022) argumenta que a colonização perpetuou estruturas de poder que beneficiaram brancos, marginalizando populações indígenas e africanas, impondo valores que deslegitimaram culturas não brancas.

O modelo educacional eurocêntrico marginaliza saberes ancestrais, essenciais para a identidade de muitos grupos. Compreender a branquitude como construção social é crucial para desafiar desigualdades raciais no sistema educacional.

O conceito de Bem Viver surge como alternativa, promovendo harmonia entre indivíduo, comunidade e natureza. A educação decolonial é vital para desafiar estruturas de poder e valorizar saberes marginalizados, criando currículos inclusivos que celebrem a diversidade.

Cida Bento (2022) também destaca como alianças silenciosas mantêm privilégios, confinando negros a posições subalternas. Uma educação que desafia o racismo estrutural é fundamental para mudar essa realidade.

Valorizar culturas locais e identidades dos estudantes fortalece o pertencimento. Ailton Krenak (2020) enfatiza que reconhecer a diversidade cultural enriquece a experiência humana, desafiando a ideia de homogeneidade.

A homogeneização cultural empobrece a experiência humana, enquanto o respeito à diversidade promove convivência harmoniosa. Práticas ecológicas devem integrar o cotidiano escolar. Alberto Acosta (2016) defende o Bem Viver como harmonia com a natureza, contrastando com a exploração.

Paulo Freire (2011) defende uma educação coletiva, baseada em diálogo e participação, promovendo emancipação e liberdade. Sua prática educativa crítica combate o modelo opressor sustentado por capitalismo, racismo e patriarcado.

Freire (2011) e bell hooks (2021) convergem em uma educação transformadora, promovendo emancipação e justiça social. Ambos enfatizam diálogo e consciência crítica para desafiar estruturas opressivas.

Luiz Rufino (2021) explora a educação como instrumento emancipador, incentivando a desaprendizagem dos cânones coloniais e valorizando saberes ancestrais. Ele sugere que a educação deve valorizar ancestralidades, transformando lacunas coloniais em oportunidades de expressão.

ISSN 1983-8174

Antonio Bispo dos Santos (2023) destaca a oralidade como essencial na transmissão de saberes, especialmente nas tradições quilombolas. Integrar oralidade ao ensino enriquece a experiência educativa, promovendo diversidade e empatia.

Propomos uma educação que incorpore saberes locais, respeite a diversidade cultural e ambiental, conectando aprendizagem formal às práticas comunitárias. Isso promove o Bem Viver e a sustentabilidade, oferecendo soluções equitativas diante de mudanças climáticas e degradação ambiental.

5. Conclusão

Este estudo sobre Educação Popular e Bem Viver destaca a conexão entre práticas educativas inclusivas e a busca por uma sociedade sustentável e justa. A educação popular no Brasil, inspirada em Paulo Freire, visa transformar sistemas tradicionais, valorizando saberes ancestrais e promovendo justiça social.

O Bem Viver, baseado em cosmovisões indígenas, oferece uma alternativa ao modelo eurocêntrico, priorizando a harmonia ecológica e social, crucial frente à crise ambiental e desigualdade. Integrar perspectivas indígenas fortalece identidades diversas e coesão comunitária, desafiando currículos convencionais que marginalizam culturas locais.

A metodologia qualitativa do estudo realçou a importância de práticas de educação decolonial, promovendo emancipação e respeito à diversidade. Isso permite que comunidades locais sejam protagonistas de suas trajetórias educativas.

Promover a Educação Popular e o Bem Viver é essencial para enfrentar desafios contemporâneos, contribuindo para um futuro mais justo e sustentável. Valorizar o conhecimento local e cultural deve ser um pilar no desenvolvimento de práticas educativas que formem cidadãos críticos e engajados por uma sociedade equitativa e responsável.

6. Referências

ACOSTA, A. O Bem Viver: Uma Oportunidade para Imaginar Outros Mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOOKS, b. Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, A. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RUFINO, L. Vence-demanda: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS BISPO DOS, A. A terra dá, a terra quer. Piseagrama. Ubu Editora, 2023.